

## OUTRAS PALAVRAS SOBRE "FINNEGANS WAKE"

AUGUSTO DE CAMPOS

Quando James Joyce enviou a Ezra Pound, em 1926, alguns dos primeiros fragmentos da "Obra em Progresso" que viria a dar no *Finnegans Wake* — o enigmático e inclassificável "romance" publicado em 1939 — a reação do autor dos *Cantos*, a cujo entusiasmo e dedicação se deveria a publicação de *Ulysses*, foi fria e evasiva: "Tudo o que eu posso fazer é lhe desejar toda a espécie de sucesso. (...) Sem dúvida há almas pacientes, que irão vasculhar qualquer coisa à procura do possível trocadilho... mas... não tendo nenhuma idéia do propósito do autor, se é divertir ou instruir... em suma..." A incompreensão de Pound persistiu, ao longo dos anos. Ecos de desentendimento entre esses dois gigantes literários percorrem a correspondência de ambos, trazida à luz pela edição organizada por Forrest Read, *Pound/Joyce — The letters of Ezra Pound to James Joyce* (New Directions, NY, 1970).

Mas Joyce não se deixou desencorajar pelas objeções de Pound (ao qual replicou, obliquamente, com trocadilhos e alusões, no próprio *Finnegans Wake*). "É possível que Pound tenha razão — escreveu a Harriet Shaw Weaver, em 1927 —, mas eu não posso voltar atrás." Como esclarece Forrest Read, o escritor se defendia das acusações de obscuridade, que lhe faziam, a época, argumentando: "Uma grande parte da existência dos seres humanos se passa em um estado que não pode ser tornado sensível pelo uso de uma linguagem "de olhos abertos", uma gramática pré-fabricada e um enredo linear." A ação de *Ulysses* se passa principalmente durante o dia — afirmava ele —, a ação de "Work in Progress" tem lugar à noite. "É natural que as coisas não sejam tão claras à noite, não é?"

Se *Finnegans Wake* jamais alcançou sucesso popular, pode-se constatar, hoje, que, em espaço de tempo relativamente curto, a posteridade lhe assegurou sobrevivência muito maior do que fazia

---

\*Publicado no Suplemento Literário *Cultura* de "O Estado de São Paulo", em 31/01/82, sob o título *Redescoberta do "Finnegans Wake."*

prever o pessimismo de Pound. Certo é que, há meio-século daqueles primeiros fragmentos, as "almas pacientes" se vêm multiplicando, em escala imprevista, na perfuração dessa mina de riquezas vocabulares que o gênio irlandês arquitetou.

Sua linguagem de elaborados trocadilhos e palimpsestos verbais, indo ao encontro das teorias freudianas (*O Chiste e sua relação com o inconsciente*, 1905), e seu mundo arquetípico, que responde ao "inconsciente coletivo" do universo jungiano, encontram novas ressonâncias, até mesmo — e por incrível que pareça — na área das comunicações de massa. McLuhan, o "profeta da comunicação", fez de Joyce o seu próprio profeta, enxertando seus livros com um mosaico de citações do "incomunicável" *Finnegans Wake* e chegando a adotar, em *War and Peace in the Global Village* (1968), como sinopse da evolução humana, as dez variantes da "fala do trovão", uma palavra de cem letras que recorre, ao longo do *Finnegans Wake*, como prelúdio do tema da "queda" — a queda de Finnegan da escada, à qual se associam as quedas de Adão, de Rona, de Napoleão, de Humpty Dumpty, da maçã de Newton, o "crack" da Bolsa e outros colapsos. Norman O. Brown, cujos livros *Vida Contra Morte* e *Love's Body* integraram os catecismos da contracultura dos anos 60, dedicou uma obra inteira, *Closing Time* (1973), à comparação entre Vico e... o Joyce de *Finnegans Wake*. John Cage, um dos maiores compositores e pensadores da música do século, confessando um interesse apaixonado por Joyce e *Finnegans Wake*, prestou recentemente várias homenagens a essa obra, a partir da idéia de extrair do seu texto "mesósticos" (acrósticos montados sobre as letras intermediárias das palavras) com o nome de James Joyce, através de operações aleatórias: *Writing through Finnegans Wake*, 1977, *Writing for the Second Time through Finnegans Wake*, 1978, e *Boaratorio, an Irish Circus on Finnegans Wake*, composição estreada em Paris, em 1981. E Cage ainda promete um *Atlas Borealis with the Ten Thunderclaps*, com os 10 trovões de *Finnegans Wake*, uma obra que, segundo ele espera, provocará nos ouvintes mais a sensação de "ir a uma trovoada" do que "ir a um concerto".

Enquanto isso, no âmbito universitário, prosseguem as pes-

quisas de sondagem da inesgotável mina do **Finnegans**, seja em monografias detalhistas, seja em publicações especializadas. Aliás, a revista norte-americana **Tri-Quarterly**, um dos redutos joycianos — outro, mais específico, é a **James Joyce Quarterly** — devotou o seu nº 38, de 1977, às repercussões mais recentes e ao "revival", "wake" ou "rewake" — ao despertar, ou redespertar, em suma, do interesse da crítica e dos criadores pela derradeira obra de Joyce. Republicada como livro em 1978, sob o título de *In the Wake of the "Wake"*, o material da revista, organizada por David Hayman e Elliott Anderson, é constituído de estudos e textos criativos que testemunham esse interesse ascensional, nas últimas décadas, contando com a colaboração, entre outros, do próprio Hayman e de Samuel Becket, John Cage, Haroldo de Campos — com o ensaio, "Sanctredo latinizado: o **Wake** no Brasil e na América hispânica" —, Arno Schmidt, Philippe Sollers.

Todas essas manifestações vêm atestar a vitalidade e a permanência dessa obra difícil, estranha e aparentemente impenetrável que é o **Finnegans Wake** — uma espécie de história poética, mítica e arquetípica da humanidade, a partir do núcleo familiar constituído por HCE e Ana Lívia Plurabelle (os pais) e Shaun, Shaun e Isobel (os filhos), a que se superpõem ou articulam os demais personagens reais ou imaginários de todos os tempos, de Adão e Eva a Mutt e Jeff e Alice no País das Maravilhas. Uma "continuarração" exposta, num dilúvio de "lapsus linguae", através de um esquema circular, sob o signo de Vico, que conduz as últimas palavras do livro de volta às primeiras linhas.

Caberia à vanguarda dos anos 50 reconciliar as "obras difíceis" de Pound e Joyce — os **Cantos** e o **Finnegans Wake** — à luz de uma nova concepção poética, derivada da estrutura idogrâmica da primeira e da apresentação "verbivocovisual" da segunda.

A poeira radioativa da bomba sônica com que o **Finnegans Wake** explodiu, nas fronteiras da poesia, a técnica do romance — para os que pensam, obviamente, o romance-arte, não o romance-contador-de-histórias — chegou até nós, desde que foram vertidos para o português alguns fragmentos da "obra em progresso", divul-

gados, na década de 50, no "Jornal do Brasil" (**James Joyce em Finneganscôpio**), o mais tarde em livro, sob o título **Panaroma** (Pan-aroma e não Panorama) do **Finnegans Wake** (1ª edição, 1962; 2ª edição, da Editora Perspectiva, 1971, ainda em circulação).

Ela pode ser encontrada até mesmo nos condutos da comunicação de massa, ali introduzida pelo veneno dos poetas e compositores da música dita popular. Ainda há pouco, Arrigo Barnabé musicou o **Jaguardarte**, o "galunfante" (galopante e triunfante) "Jabberwocky" de um Lewis Carroll revisto e reabilitado para adultos pelo optofone vocabular do **Finnegans Wake**. E Caetano Veloso, em disco recente, presta indiscutível tributo ao grande irlandês na reverberação ("sexonhei", "orgasmaravalha-me") das suas "Outras Palavras".

Não é curiosa essa comunicabilidade — maior, comparativamente, que a do próprio **Ulysses** — que se vem revelando no mais incomunicável dos livros de Joyce? Não terá ele tocado em fontes essenciais da linguagem, ao mergulhar tão fundamente no análgama poético do texto? De qualquer forma, é preciso repensar o conceito ou preconceito do "difícil". Dizia Valéry: "Meu fácil me enfada. Meu difícil me guia." Ou: "O que é difícil é sempre novo." No pórtico dos anos 80, John Cage não diz outra coisa: "Penso que os artistas do século XX que oferecem uma resistência à nossa compreensão são aqueles a que não cessaremos de ser reconhecidos. Ao lado de Joyce, há Duchamp. E Satie, cuja obra, ainda que aparentemente simples, não é mais fácil de compreender que a de Webern."

No centenário do nascimento de Joyce, nada melhor do que comemorar, com o novo renascimento do **Finnegans** — "the Wake of the Wake" —, o mais difícil: não o grande escritor que se foi, mas o que vem, ou revém. E, ainda uma vez, aspirar o "panaroma das flores da sua fala".

## UM FRAGMENTO DO "FINNEGANS WAKE"

Tradução e nota de  
Augusto de Campos

### NUVOLETTA

Então Nuvoletta refletiu pela última vez em sua leve e longa vida e minguou todas as suas miríades de pensamentos num só. Canceulou todos os compromissos. Subiu pelos baluastros; gritou um núvil nominho ninfantil: Nuée! Nuée! Um tule onduleou. Ela passou. E dentro do rio que fora uma corrente (pois milhares de lágrimas tinham ido por ela e vindo por ela que era dada e doída pela dança e seu apelido era Missisliffi) cai uma lágrima, minúltima lágrima, a mais leve de todas as lágrimas (falo para os fãs de fábulas de radiamor, lunávidos pelo ar vulgar de estrelas de celenovela), pois esta era a milágrima. Mas o rio escorregou lago por ela, sorvendo-a de um trago, como se nágua fosse água: Ora, ora, ora! Quem quer chora, quem não quer vai-se embora!

(Nota: Nuvoletta — menina e nuvem — é uma das encarnações de Issy, filha de HCE e ALP, Anna Livia Plurabelle. Nesta passagem, em que a natureza e o humano se confundem, como num sonho, a menina-nuvem — que também ganha o apelido (apelido + lodo) de Missisliffi (Issy + Livia + Mississippi) — é vista chorando, liquefazendo-se em lágrima (ou chuva) e desaparecendo no rio. Em outras aparições ela se metamorfoseia em "noveletta", e ela é isso mesmo — uma delicada historinha dentro da história sem fim do *Finnegans Wake*.)